

## CONCLUSÕES

### Congresso Internacional Teatro do Oprimido- teorias, técnicas e metodologias para a intervenção social, cultural e educativa no século XXI

*Vila Nova de Cerveira, de 21 a 23 de Novembro de 2013*

#### Coordenadores:

Dr. José Dantas Lima Pereira

Professor Doutor Manuel Vieites

Professor Doutor Marcelino de Sousa Lopes

A 21 de Novembro de 2013 as portas do Cineteatro de Vila Nova de Cerveira, a conhecida e reconhecida “Vila de e com artes” abriam-se para dar início ao Congresso Internacional- Teatro do Oprimido- teorias, técnicas e metodologias para a intervenção social, cultural e educativa no século XXI, com objectivos que passavam não só pela justa homenagem a Augusto Boal, o teatrólogo brasileiro que nos anos 70 do século XX cria este conjunto de técnicas teatrais que rompeu fronteiras e se enraizou numa multiplicidade de países, povos, culturas, costumes e tradições.

Mas durante três dias de congresso, mais do que apresentar teorias ou relatar experiências pretendia-se:

Clarificar o conceito de Teatro do Oprimido, cruzando-o com áreas distintas mas complementares como a Educação, a Participação e Cidadania Activas, a Animação Sociocultural, entre outras que aqui foram expostas por um variado leque de profissionais: professores, pedagogos, animadores socioculturais, actores, encenadores, enfim pessoas ávidas de conhecer e dar a conhecer o Teatro do Oprimido e as suas múltiplas potencialidades.

Pretendia ainda reflectir sobre as novas práticas que se podem e devem implementar para aproximar o EU do OUTRO; criar e dinamizar redes de comunicação que divulguem as técnicas do Teatro do Oprimido.

Após a abertura oficial do congresso presidida pela Excelentíssima Senhora Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira- a Dra. Maria Aurora Amorim Viães, assistimos à conferência inaugural por Hélder Costa com uma dupla apresentação a cargo do Professor Doutor Carlos Fragateiro e do Encenador José Carretas.

O companheiro de Boal aquando da sua passagem por Portugal e no trabalho desenvolvido também na *Barraca*, leu-nos e emocionou-nos com um relato autobiográfico: um cruzar de histórias, momentos, encontros, tentativas, ousadias e inovações numa altura em que o Teatro do Oprimido era ainda a novidade, estava ainda por descobrir.

No **painel I- Teatro do Oprimido e Movimentos Sociais no século XXI** com as intervenções da Doutoranda Inês Barbosa; do Doutorando José Soeiro e da Professora Doutora Ana Paula Proença, apresentou-se o Teatro do Oprimido como experiência activista, uma forma de gerar uma cidadania e educação críticas; fez-se uma viagem reflectindo o seu impacto na Europa e apresentaram-se ainda os contributos que a mediação coeducativa pode ter para o Teatro do Oprimido.

Vimos, pelas imagens e relatos apresentados, como este conjunto de técnicas pode ser aplicado em contextos diversos, mobilizando a comunidade e gerando a capacidade desta pensar e reflectir de forma crítica, tendo efectivamente um papel activo, questionando o que é instituído mas no sentido salutar da crítica construtiva que busca e aplica as soluções encontradas.

No **painel II- Teatro do Oprimido e Grupos de Risco** com as intervenções do Professor Doutor Ermel Morales; do Professor Doutor Parra Marujo e Professora Doutora Cristina Chavirovitch procuramos reflectir sobre a capacidade para a liberdade expressiva do espectador, que mesmo involuntariamente é activo. Vê, ouve, participa, interioriza, expressa, muda e gera mudança em si e no OUTRO. Pela primeira vez neste congresso cruzam-se as técnicas do Teatro do Oprimido com a Animação Sociocultural, incidindo-se na aplicabilidade prática de um vasto leque de exercícios, jogos, actividades que podem e devem ser exploradas no âmbito da Animação Sociocultural. Definiu-se um percurso e uma ponte entre o Teatro do Oprimido e Teatro Social e uma vez mais sentimos que a tradicional árvore do Teatro do Oprimido tem variadíssimas ramificações e que provavelmente outras tantas poderá ter na medida em que o questionamento é permanente, as mutações sociais são constantes e as respostas devem ser prontas e eficazes.

Na manhã de sexta-feira as portas do Cineteatro voltaram a abrir-se, mas desta vez o percurso foi bilateral: gente que entrou e gente que saiu. Se o espaço formal se transformou com as dinâmicas realizadas, a própria vila transformou-se em palco. E uma vez mais Boal foi relembrado: o teatro pode ser feito em qualquer espaço e por qualquer pessoa.

A Mestre Susana de Figueiredo; a Doutoranda Inês Barbosa; o Professor Doutor Avelino Bento; a Professora Emiliana Marques e o Encenador José Carretas guiaram a quem se atreveu a experimentar alguns exercícios e jogos. Deixaram-se vender, despiram-se de si próprios, foram personagens, encenaram papeis e sentimentos e no aqui e no agora aceitaram o difícil exercício de decidir, e uma vez mais sobre si e sobre o outro. Os congressistas (e a quem a eles se juntou) foram efectivamente expect-actores.

No **painel III- O Teatro do Oprimido, a Animação Sociocultural, a Cidadania e a Participação** tivemos as intervenções do Professor Doutor Fernando Ilídio Ferreira; do Professor Doutor Carles Monclus i Garriga; do Professor Doutor Victor Ventosa Perez e do Professor Doutor Marcelino de Sousa Lopes. Procurou-se reflectir sobre do diálogo que se estabelece entre o Teatro do Oprimido e a Animação Sociocultural e o impacto que este conjunto de exercícios, jogos e actividades tem em concreto na formação de Animadores Socioculturais.

O que é distinto e o que é comum foi exposto de forma clara pelo Professor Doutor Victor Ventosa Perez que nos apresentou uma revisão crítica sobre os pressupostos do Teatro do Oprimido e da Animação Sociocultural, reforçando-se as potencialidades e os benefícios da inclusão das práticas do Teatro do Oprimido nas dinâmicas de Animação Sociocultural.

O painel encerrou com um relato bastante autobiográfico do Professor Doutor Marcelino de Sousa Lopes que, como outros especialistas aqui presentes, privou e aprendeu com Boal e cruzou as suas próprias experiências como praticante de Teatro do Oprimido e nos demonstrou a forma como essa vivência marca o seu percurso como Animador Sociocultural. Sublinhava-se assim que o Teatro do Oprimido e a Animação Sociocultural têm efectivamente em comum o facto de serem metodologias de intervenção potenciadoras de autonomia, cidadania e participação.

A componente política não foi esquecida neste painel quando o Professor Doutor Fernando Ilídio Ferreira perante questões colocadas pela plateia relembra as potencialidades que se podem criar em espaços escolares para que as crianças aprendam o verdadeiro significado das palavras democracia e liberdade.

No **painel IV- Teatro do Oprimido e Educação no Século XXI** com as intervenções da Professora Emiliania Marques; do Professor Doutor Manuel Vieites (em representação do Professor Doutor Merino Fernandez) e da Professora Doutora Lucília Salgado (em representação do Professor Doutor Joaquim Escola), reflectiu-se sobre o diálogo que se estabelece entre Teatro do Oprimido e Educação Popular, em como pelos jogos, exercícios e dinâmicas é possível levar o OUTRO a agir, a ter mais voz, a ser um expect-actor. No seu artigo o Professor Doutor Joaquim Escola relembra a pedagogia de Paulo Freire: todos podemos, todos temos algo a aprender.

E não só, mas também pelo Teatro do Oprimido, percebe-se que é possível uma intervenção socioeducativa dinamizadora de uma cidadania libertadora para o século XXI.

As palavras: provocação, acção, iniciativa, mobilização, questionamento foram claramente os grandes marcos deste painel em que se levantou o véu de uma questão delicada mas fulcral: necessitamos de uma nova escola, mais participativa, mais dinâmica, mais crítica. Em que o acto de ensinar não se resuma ao simples debitar de matéria, mas à nobre missão de educar para a cidadania activa e participativa.

No **painel V- Teatro do Oprimido e Intervenção Comunitária** com as intervenções da Professora Doutora Isabel Bezelga; do Professor Doutor Avelino Bento e do Dr. José Dantas Lima Pereira reflectimos sobre os facilitadores teatrais nos contextos das culturas populares. O Professor Doutor Avelino Beno fez-nos pensar sobre o teatro e a comunidade e o teatro da comunidade e viajamos no tempo para lembrar os oprimidos do passado e procurar o oprimido e o opressor de hoje. Reforçou ainda a necessidade de um questionamento permanente, de procurar a Humanidade no sentido de se gerar a consciência do que significa ser pessoa, sublinhando a importância da experimentação,

O associativismo marcou este painel na medida em que se impôs como termo de ordem a comunidade: a soma do comum e da unidade. O Dr. Dantas Lima Pereira encerrou o painel com uma mensagem importante para pensarmos o Teatro do Oprimido do futuro: que a memória nos permita reconstruir um percurso comum.

No **painel VI- A Ética e a Estética no e do Teatro do Oprimido do século XXI** contamos com as presenças do Professor Doutor João Gomes; do Professor Roberto Pascual; da Doutoranda Júlia Correia e da Doutoranda Ana Baião, incidiu-se no sujeito como actor e protagonista da acção. A provocação, a tomada de consciência que é um dos convites de

Brecht (uma das influências de Boal) foi pensada nesta mesa em que uma vez mais se sublinhou a importância de haver um expect-actor.

No **painel VII- Teatro do Oprimido: Teorias, Paradigmas, Fundamentos e Metodologias** com as participações do Professor Doutor Manuel Vieites; da Professora Doutora Lucília Valente; da Professora Emiliania Marques e do Professor Doutor Carlos Fragateiro abordaram-se as questões do teatro emancipatório, das múltiplas possibilidades de Teatro do Oprimido: do teatro-jornal ao teatro-imagem, teatro-fórum, teatro-legislativo, teatro invisível e o arco-íris do desejo e de como tudo deve ser reflectido à luz das necessidades e realidades do século XXI. A contribuição do Professor Doutor Manuel Vieites lembra-nos que efectivamente Boal é uma referência, uma referência que noutros de inspirou para criar os mundialmente divulgados exercícios e técnicas.

O Professor Doutor Carlos Fragateiro colocou-nos uma questão de suma importância: sobre o que escreveria Boal hoje? Sendo tratar-se de um homem que evoluiu permanentemente e é mundialmente conhecido. E provocou-nos com outra questão: onde está o treino do cérebro?

A plateia reage e lembra o trabalho que o filho de Boal, Julien, tem feito e que no fundo nos lembra o tão falado questionamento permanente que nos é necessário para sermos expect-actores.

Seguiu-se um **relato de experiências** pela Professora Doutora Sofia Silva; Mestre Susana de Figueiredo e Professora Anna Gascón. No fundo, tratou-se exactamente de trazer uma visão fresca e inovadora sobre o que se tem feito em espaços escolares integrando o Teatro do Oprimido nos actuais modelos educativos.

Encerramos o congresso com o contributo do pedagogo Iwan Brioc que nos levou a pensar, a reflectir e a sentir o Teatro do Oprimido numa viagem pelas suas memórias e numa dinâmica que mexeu com o auditório, que o provocou e gerou alguma mudança.

E tal como alguém hoje disse nesta plateia este congresso foi um espaço para rever memórias, para lembrar experiências e partilhar vivências.

Sendo um congresso internacional foi-nos possível perceber outras realidades que não apenas a nossa e sentir como o Teatro do Oprimido se estende, se ramifica, se aplica noutros contextos.

E tal como consta no texto que introduz o livro que resulta deste congresso:

*“Louvamos todos os pedagogos que com a sua pedagogia pretenderam libertar o ser humano das muitas amarras que o limitavam e limitam, condicionavam e condicionam, aprisionavam e aprisionam”.*

E ainda:

*“A todos os autores envolvidos sobre este questionamento que envolve o teatro do oprimido como método pedagógico para reflectir a vida nas suas dimensões social, cultural e educativa, o nosso sentido obrigado”.*

Vila Nova de Cerveira, 23 de Novembro de 2013